

TRAJETÓRIA E PRODUÇÃO INTELECTUAL DA FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NA ANPED.

Maria Betânia Barbosa Albuquerque.¹

Ivanilde Apoluceno de Oliveira.²

1- Introdução

Neste artigo realizamos um levantamento da trajetória do GT Filosofia da Educação no contexto da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED, enfocando a produção intelectual produzida no período de 1994 a 2004.

O GT Filosofia da Educação constitui-se como o principal *locus* de debate e circulação da produção intelectual da área, no qual os pesquisadores apresentam os resultados de seus estudos e pesquisas. Assim, pela sua relevância nacional, é fundamental indagarmos sobre: que temáticas têm caracterizado os trabalhos apresentados neste Grupo? Quais as temáticas ainda pouco trabalhadas? Que pensadores se destacam nessa produção? Quem escreve esses trabalhos: homens ou mulheres? Quais suas origens institucionais? Essas são algumas questões que norteiam a escrita deste artigo. Ele é parte de uma pesquisa de campo, com levantamento bibliográfico e documental, constando da análise de documentos, tais como: relatórios, atas, anais, revistas e CD-Rom da ANPED. Além disso, realizamos entrevistas com alguns intelectuais que atuam no campo filosófico-educacional com significativa produção acadêmica e engajamento nas reuniões do GT.

O levantamento da produção do GT foi efetivado, sobretudo, por meio da verificação dos títulos dos trabalhos e de seus resumos publicados nos Anais da ANPED. Na organização dos dados, levamos, ainda, em consideração, a filiação institucional e de gênero dos autores dos trabalhos, a fim de verificarmos quem, predominantemente, vem pesquisando no campo da Filosofia da Educação, se homens ou mulheres, bem como quais as instituições que têm

¹ Doutora em Educação pela PUC/SP. Professora de Teorias da Educação da UEPA. mbbxavier@ig.com.br.

² Doutora em Educação pela PUC/SP e UNAM/UAM-México. Professora das disciplinas: Epistemologia e Educação e Filosofia da Educação da UEPA. nildeapoluceno@uol.com.br.

participado mais efetivamente dos Encontros do GT. Desse modo, a partir de um levantamento quantitativo desse material, procedemos à compreensão de um possível perfil intelectual da Filosofia da Educação.

1.2 - O número de trabalhos apresentados

Nos 11 anos de existência do GT Filosofia da Educação da ANPEd, foram apresentados 155 trabalhos, incluindo nesse montante apenas as comunicações e os *trabalhos encomendados*. Tomando-se como referência o número total das produções, temos a média de 14,9 trabalhos por ano.

A década de 90 constitui o período de maior produção, em relação aos anos 2000, sendo 1994, 1995 e 1996 os anos com maior número de trabalhos apresentados: 34, 16 e 16, respectivamente. Apesar da crescente queda de produção ao longo desses anos, houve um aumento em 2003, com a apresentação de 15 trabalhos, seguida de uma brusca redução, em 2004, com apenas 10 trabalhos.

Assim, a maior produção intelectual do GT ocorreu no início de sua própria formação, em 1994, e a menor em 2004. Neste sentido, vem ocorrendo um decréscimo no número de trabalhos apresentados, fator preocupante que é apontado pelo próprio Comitê Científico da ANPEd:

Chama a atenção o número reduzido de trabalhos encaminhados ao GT para a 27ª Reunião Anual, configurando o menor número de trabalhos aceitos para avaliação nos últimos seis anos, o que certamente sugere uma reflexão por parte dos integrantes do GT, uma vez que a produção da área é sabidamente bem mais expressiva (ANPEd, 2004, p. 379).

Depois de ressaltar as temáticas dos trabalhos encaminhados para a reunião de 2004, bem como suas qualidades, o relatório conclui:

fica a impressão de que a demanda que o GT recebe representa uma parte muito pequena daquilo que efetivamente constitui a produção intelectual na Filosofia da Educação no Brasil (ANPEd, 2004, p. 379).

Uma hipótese provável para a explicação do significativo número de trabalhos encaminhados ao GT, em 1994, está no fato de que, sendo aquele o primeiro ano de seu funcionamento, o GT carecia ainda de maior definição quanto às temáticas que deveriam ser

contempladas. Portanto, é evidente certo grau de dispersão, o qual, por sua vez, ocasionou uma conseqüente necessidade de se discutir a identidade do Grupo.

No que se refere à diminuição do número de trabalhos encaminhados em 2004, sugerimos, como hipótese explicativa, a própria dificuldade do GT em manter contínuo contato entre seus membros, bem como entre os diferentes cursos de pós-graduação, que contém linha de concentração em Filosofia da Educação, no intuito de estimular a participação nas reuniões do GT. Isto se evidencia pelo fato de que a principal via de comunicação do GT com seus membros tem sido, exclusivamente, a lista de discussão virtual, a qual, nos últimos anos, tem limitado o alcance de sua importância como potencializadora de um maior intercâmbio entre os participantes.³

1.3 - Filiação institucional e de gênero dos pesquisadores

Nos seus 11 anos de existência, a produção do GT envolveu 174 pesquisadores, sendo 104 homens e 70 mulheres oriundos de 49 instituições brasileiras e 5 estrangeiras. Embora predomine a participação masculina (59,77%), observamos um número significativo de mulheres (40,23%) contribuindo com a produção científica do GT.

Quanto às instituições, destacamos, de forma marcante, a UNESP, com 20 trabalhos; as PUCs (de Campinas, de São Paulo, do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul) totalizam, juntas, 13 trabalhos; a UFRGS e a UERJ com 11 trabalhos cada; a UFSC e UNIMEP com 10 trabalhos cada e a UFRJ com 9. Assim, se considerarmos apenas essas universidades mais destacadas, constatamos que 84 trabalhos, correspondendo a 54,19% do total das produções, estão concentrados em instituições do eixo sudeste-sul.

É possível observar, também, uma concentração dessa produção e conseqüente desigualdade no que se refere à participação das demais regiões brasileiras no GT. Registra-se 01 única instituição localizada na Região Norte (UEPA), 02 no Centro-Oeste (UFMS e UNB) e 03 no Nordeste (UFRN, UFPE e UFBA), apresentando maior representatividade as instituições do Sudeste (25) e do Sul (16).

³ O endereço da lista é: gt.filedu.anped-I@ufpel.tch.br

A propósito dessa situação, o Relatório Final do Comitê Científico da ANPEd de 2002 denuncia o que denomina de “risco de endogenia”, presente em alguns grupos, isto é, “a concentração de trabalhos encaminhados por uma mesma instituição”. Segundo esse relatório, essa possibilidade de concentração continuará a existir, posto que “... em alguns GTs, são determinados grupos de pesquisa no país que alimentam a existência dos mesmos” (ANPEd, 2002, p. 257).

Em nossa hipótese, essa desigualdade regional expressa, na realidade, o pouco intercâmbio do GT com os programas de pós-graduação em educação das demais regiões para além do sul e sudeste do país, a despeito de sua pouca expressividade. Tal fato vai de encontro às próprias sugestões encaminhadas pelo GT desde sua primeira Reunião, em 1994, no que se refere à estimulação da “livre formação de grupos de estudo em níveis regional, estadual e municipal...” (ANPEd, 1994, p. 194).

Face a esse problema da endogenia, o Relatório de 2002 sugere aos GTs, onde isto ocorre, que:

devem promover internamente uma discussão deste fato e procurar formas de projetar a produção do grupo para o maior número possível de instituições e para diferentes regiões do país, com o intuito claro e objetivo de atrair novos pesquisadores, uma vez que *a endogenia não é desejável e nem conveniente para o crescimento da área* (ANPEd, 2002, p. 258, grifo nosso).

Finalmente, entre as instituições estrangeiras presentes no GT estão as universidades de Kessel (Alemanha), Barcelona (Espanha), Quilmes (Argentina), Paris VIII (França) e FHCEM (Uruguai). A despeito dessas presenças, não temos conhecimento de alguma articulação mais efetiva do GT com instituições filosófico-educacionais em âmbito internacional, configurando, também, os limites de seu intercâmbio.

2 – A produção intelectual do GT Filosofia da Educação

2.1 - As temáticas mais trabalhadas e as formas de abordagens da Filosofia da Educação

A análise dos títulos e resumos dos trabalhos apresentados no GT permitiu sua organização em 8 formas de abordagem, identificadas da seguinte forma: epistemológica,

ético-antropológica, político-social, psicológica, simbólica, ambiental, estética e filosófico-educacional.

Na abordagem *epistemológica*, localizam-se 23 trabalhos em que predominam questões ligadas à teoria e à produção do conhecimento, à análise de conceitos, à epistemologia genética, à teoria e pesquisa em educação, ao conhecimento científico, modernidade e pós-modernidade, relações entre os campos da epistemologia e os valores ou ontologia.

Na abordagem *ético-antropológica*, 21 trabalhos relacionados à formação humana de um modo geral, aos processos de humanização, às relações entre ética e valores na educação, à formação da subjetividade e ao sentido da educação.

Na abordagem *político-social*, 17 trabalhos que se relacionam a uma perspectiva sócio-política da educação, envolvendo o debate sobre hegemonia, formação da consciência crítica, ideologia, reformas educacionais, a relação estado e educação, poder/disciplinamento na educação.

Na abordagem *psicológica*, 07 trabalhos que envolvem teóricos dessa área de conhecimento, a corporeidade e a afetividade, a articulação corpo-mente e espírito no âmbito educacional. Na abordagem *simbólica*, 06 trabalhos relacionados à temática do imaginário, representações e memórias. Na abordagem *ambiental*, 04 trabalhos que se voltam para a problemática do meio ambiente e da ecologia na educação. Na abordagem *estética*, 01 trabalho que aborda questões referentes à dimensão estética da educação.

Na abordagem filosófico-educacional encontramos 76 trabalhos, cuja preocupação é explicitar ou aproximar as relações entre os campos da filosofia e da educação. Nesta abordagem, os trabalhos focalizam a educação, considerando determinada especificidade, que se manifesta de acordo com as seguintes sub-abordagens:

a) *Currículo e Formação do Educador* – 19 trabalhos relacionados ao currículo formal e às práticas de ensino da disciplina Filosofia, Filosofia da Educação e à formação do educador.

b) *Pensadores da Filosofia/ Filosofia da Educação* – 40 trabalhos relacionados às idéias de determinados pensadores do campo da filosofia, da educação e de outras áreas do saber, bem como suas implicações para o campo educacional.

c) *Especificidade/Identidade da Filosofia da Educação* – 13 trabalhos que debatem a especificidade ou a construção da identidade da filosofia da educação, sua relação com as demais ciências da educação.

d) *Filosofia e Infância* – 04 trabalhos que abordam as relações entre infância, educação e filosofia.

Cumpramos esclarecer que a organização dos trabalhos, nessas formas de abordagem, não obedeceu a um critério rígido de classificação, uma vez que um mesmo trabalho poderia perfeitamente estar incluído em outras categorias. A categorização final pautou-se na maior pertinência dos mesmos (considerando os títulos, resumos e palavras-chave) em relação a uma ou outra forma de abordagem.

Observamos que dos 155 trabalhos, destaca-se a concentração na abordagem filosófico-educacional. Especificamente dentro dessa abordagem, predominam, em primeiro lugar, temáticas que tratam a educação a partir da ótica de um pensador (40 trabalhos); em segundo lugar, uma abordagem epistemológica da educação (23 trabalhos) e, em terceiro, a ético-antropológica, com 21 trabalhos.

Desse modo, a Filosofia da Educação vem sendo apresentada, predominantemente, a partir do pensamento ou filosofia de um autor, procurando dele deduzir implicações para o campo educacional, ou mesmo, como em certos casos, permanecendo confinada ao campo filosófico.

São diferenciados os pensadores abordados nos trabalhos do GT, ainda que tais trabalhos não se limitem ao pensamento desses filósofos. Entre eles, destacam-se aqueles ligados à Escola de Frankfurt: Adorno (com 09 trabalhos), Habermas (07) e Horkheimer (05), sendo que dois trabalhos apresentam temas relacionados ao pensamento deste último, sem, contudo, mencioná-lo no título. Os demais filósofos que se destacam são: Gramsci (06), Marx (05), Aristóteles (05), Platão (04), Rorty (04), Perelman (04), Piaget (04), Dewey (03), Merleau-Ponty (03), Foucault (03), Deleuze (03), Guatarri (03) e Nietzsche (03).

De acordo com o estudo desenvolvido por Tomazetti (2000), o fato da disciplina Filosofia da Educação, no Brasil, ter constituído, historicamente, uma cadeira juntamente com a História da Educação foi determinante a esse modo de fazer a Filosofia da Educação, a partir do estudo de seus pensadores clássicos ou de correntes filosóficas.

O entendimento da filosofia como história da filosofia tem sido, há muito, criticado, tanto por importantes pensadores do campo filosófico mais geral quanto por intelectuais brasileiros envolvidos com essa área de conhecimento, nos induzindo a pensar que uma análise mais detalhada do conteúdo desses trabalhos do GT, que olham a educação a partir da ótica de um pensador, poderia ser interessante no sentido de verificar como se estabelece essa relação entre as idéias filosóficas e a educação e se, efetivamente, essa relação chega a ser estabelecida.

Albuquerque (1996), por exemplo, constata em sua pesquisa sobre a Filosofia da Educação que boa parte das produções intelectuais propõe estabelecer essa ligação entre a filosofia e a educação, mas acaba permanecendo no campo da filosofia, deixando a articulação com a educação como mera conclusão do texto, sem, portanto, o devido aprofundamento.

A discussão acerca da necessidade de maior articulação entre os campos da filosofia e da educação tem, inclusive, atravessado o GT Filosofia da Educação desde sua formação. Em correspondência endereçada aos membros desse Grupo, Severino e Rohr (1997, p.2) reiteram que:

serão priorizados os trabalhos que colocarem sua reflexão nessa interface filosofia/educação em relação àqueles que se constituem tão somente como reflexão teórica com base no categorial especificamente filosófico ou como reflexão teórica específica do campo educacional (didática, orientação, sociologia, história, currículo, etc). O mesmo critério se aplicará aos casos de trabalhos que fazem a apresentação sistemática das idéias de filósofos, quando não explicitam alguma interlocução mais elaborada com o educacional.

Essa forma de compreender/fazer a Filosofia da Educação, que se expressa nas produções do GT da ANPEd, na realidade, não está desconectada do que ocorre no próprio campo mais amplo da filosofia. Em artigo apresentado no *II Encontro Internacional de Filosofia e Educação/Fórum Sudeste de Ensino de Filosofia*, Feitosa (2004, p.89) chama a atenção para o fato de que as Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação em Filosofia

estabelecem a interdisciplinaridade como uma tarefa fundamental da filosofia, como uma “reação a uma constatação epocal: vivemos em mundo de fragmentação, de saberes desconectados”, onde predomina a superespecialização nas disciplinas e toda sorte de reducionismos. Contudo, na visão do autor, a filosofia encontra-se impossibilitada de assumir tal tarefa, posto que “sofre dos mesmos problemas para os quais ela foi solicitada a resolver” (2004, p.90-91), isto é a superespecialização. De acordo com Feitosa:

A produção em filosofia revela uma crescente especialização, profissionais dedicam toda sua vida ao estudo de apenas um autor, às vezes de apenas uma fase da vida desse autor. Essa superespecialização, essa erudição infinita é valorizada e premiada na academia, interpretada como índice de um trabalho denso e rigoroso. Ao passo que os que se dedicam a pesquisas mais temáticas, são por vezes acusados de falta de seriedade ou diletantismo (2004, p. 91)

Outro aspecto que importa ressaltar é que tanto os pensadores que inspiram a produção intelectual da Filosofia da Educação da ANPEd quanto as temáticas abordadas não são, necessariamente, ligados ao campo filosófico como sugerem, reiteradamente, os Relatórios do GT ao longo dos anos. Eles se originam de outras áreas do saber como, por exemplo, da Educação Ambiental, da Psicologia ou da Educação Física.

No que tange a essa questão da pertinência dos trabalhos ao campo filosófico-educacional, o Relatório Final, organizado pelo Comitê Científico da ANPEd (2002, p. 256), afirma que considera importante que se pondere acerca do fato de que “foram recebidos trabalhos sobre temas que não se enquadram nas temáticas dos GTs, *principalmente nos GTs de Filosofia da Educação* e Psicologia da Educação, mas que tampouco se enquadram nas temáticas de outros GTs da ANPED...” (Grifo nosso).

O Relatório acrescenta que embora considere a existência de interfaces entre as áreas de conhecimento que compõem a sub-área da ANPEd, denominada de Fundamentos, os GTs pertencentes a essa sub-área (Filosofia, Sociologia, História e Psicologia da Educação) “têm sido reconhecidos como espaços específicos de definição e identidade do campo, na produção científica e em trocas acadêmicas importantes entre pesquisadores da Educação em diferentes instituições do país”. Assim, a despeito desta situação específica, considera “pertinente a discussão sobre as especificidades do conjunto dos GTs (2002, p. 257)”.

2.2 - Autores e/ou filósofos abordados.

Na sua grande maioria, os trabalhos apresentados no GT Filosofia da Educação concentram-se nos pensadores clássicos da História da Filosofia. Cabe lembrar, também, a referência a autores não apenas da filosofia, mas de outros campos do conhecimento, como é o caso da Psicologia.

Os trabalhos referem-se, predominantemente, a pensadores do sexo masculino e no âmbito europeu e norte-americano. Se considerarmos o conjunto dos autores referenciados nos resumos, temos: Adorno, Habermas, Nietzsche, Dewey, Ilyenkov, Gramsci, Foucault, Aristóteles, Rousseau, Kant, Hegel, Lipman, Merleau-Ponty, Bergson, Rorty, Castoriadis, Piaget, Locke, Vygotsky, Riegel, Karl Marx, Horkheimer, Ratke, Perelman, Platão, Deleuze, Guatarri, Gadamer, Descartes, Sartre, Giroux, Maffesoli, Heidegger, Erasmo, Rancière, Lévi-Strauss, Peirce, Lukács, Walter Benjamin, Althusser, Lucien Sfez, Paul Ricouer, Pirro e Wittgenstein, seguidos dos pensadores brasileiros: Rui Barbosa, Paulo Freire, Anísio Teixeira, Neidson Rodrigues e Dermeval Saviani. Do sexo feminino, as pensadoras estudadas são: Hanna Arendt, Elizabeth Fiorenza e Agnes Heller.

A listagem desses/as pensadores/as permite observar que a Filosofia da Educação que se faz no GT concentra-se muito pouco nos marcos da filosofia antiga, sendo Aristóteles o filósofo desse período que mais aparece mencionado. Em geral, a maioria dos/as pensadores/as abordados/as nos trabalhos situa-se na ambiência da filosofia contemporânea, destacando-se filósofos que trabalham numa perspectiva epistemológica como Habermas e Horkheimer.

A Epistemologia é a segunda maior abordagem presente no GT da ANPEd, evidenciando a preocupação intelectual dos pesquisadores com a questão da produção do conhecimento, com o debate acerca do pensamento científico moderno e pós-moderno e com a epistemologia na educação.

No que tange, especificamente, à perspectiva pós-moderna ou pós-estruturalista de análise da educação, observamos que embora presentes no GT, os trabalhos baseados em filósofos como, por exemplo, Foucault (03), Deleuze (03) e Guatarri (03), são em menor proporção, se comparados aos filósofos ligados à Escola de Frankfurt. Um autor como Nietzsche, que desfecha “um duro golpe na idéia de filosofia como fundamento”

(HERMANN, N. 1999, p. 144), também tem um lugar modesto (03 trabalhos). De acordo com Nadja Hermann, “o choque aos ideais que Nietzsche representa dificulta sua recepção para a teoria educacional, especialmente no Brasil, quando as referências são escassas” (1999, p. 147).

Cumpra também destacar a limitada presença de intelectuais brasileiros entre os trabalhos apresentados no GT, destacando-se entre eles Paulo Freire, com o maior número de trabalhos (03), seguido por Saviani (02), Anísio Teixeira (02), Neidson Rodrigues (01) e Rui Barbosa (01).

Chama à atenção, ainda, a predominância de trabalhos voltados para o pensamento de filósofos do sexo masculino e a conseqüente restrição de trabalhos filosóficos do sexo oposto. Ao que tudo indica, a relação entre as mulheres e a filosofia é pouco explorada, mesmo porque parece ainda pouco conhecida.

Existem mulheres filósofas? Esta foi uma das perguntas que caracterizou a exposição do trabalho “As mulheres e a filosofia”, apresentada no III Fórum do Centro-Oeste sobre Ensino de Filosofia, ocorrido entre 20 a 22 de novembro de 2003, na Universidade de Brasília. Nessa exposição, as autoras perguntavam:

qual o papel dos currículos escolares e materiais didáticos na memória cultural e na determinação do protagonismo (e exemplaridade) de homens e mulheres na história das ciências, das artes, da filosofia, da religião, da política? Qual a responsabilidade de professores (de filosofia e outras áreas) no que se refere ao exame de preconceitos de gênero? Que diferença faz perguntar-se pela ausência ou presença da perspectiva das mulheres no imaginário acerca da filosofia? (WUENSCH e BORDIGNON, 2003, p.4)⁴.

Vale ressaltar, ainda, que dos 40 trabalhos situados na abordagem filosófico-educacional que focam suas análises a partir da ótica de um pensador, 14 estão vinculados à Escola de Frankfurt, correspondendo a 35%.

⁴ Conferir a exposição de fotos organizada pelas autoras na Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação, nº 1, novembro, 2003/2004 acesso via: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/resafe/>

2.3 - As temáticas pouco trabalhadas e os campos de silêncio

Da mesma forma como procuramos evidenciar as temáticas que se configuraram como prioridade, registramos aquela que menos dispensou a atenção dos pesquisadores ao longo dos 11 anos, a questão da **estética e a educação**, com apenas um (01) trabalho.

Antônio J. Severino delinea o que seria a dimensão axiológica da prática educacional, na qual se inclui a relação estética e educação, apontando para a necessidade de pesquisas nessa área. Segundo ele:

A ação educativa, pressupondo sempre a interação entre os sujeitos, é igualmente interpelada pela sensibilidade estética. Daí não poderem ser estranhas ao filosofar sobre a educação as questões suscitadas por essa forma específica de sensibilidade, que nos põe em relação com valores simbólicos de natureza estética. Toda reflexão que explicita as mediações da educação pela arte e para a arte, a dimensão pedagógica e a dimensão estética da pedagogia, constituem campos que precisam de grandes investimentos por parte da pesquisa em filosofia da educação (SEVERINO, 1993, p.24).

Tais investimentos, contudo, estão praticamente ausentes das reflexões travadas no âmbito das pesquisas do GT. Em entrevista com Pedro Pagni acerca dessa problemática, esta ausência é ratificada:

Venho constatando o pequeno número de trabalhos sobre estética e educação por uma de minhas pesquisas, que desenvolvo junto com uma orientanda. Esse tema, precisamente, pouco aparece como título ou como palavra chave de artigos na área da educação, durante as duas últimas décadas. Talvez na revista *Educação e Realidade*, o tema tenha maior incidência em virtude de concentrar um maior número de artigos que tem como fonte o pensamento dos filósofos franceses (Deleuze, Foucault, entre outros). Mas ele aparece mais em razão do enfoque filosófico ou em razão da fonte do que se denominou de ontologia do presente ou de estética da existência do que por tratar de temas/conteúdos estritamente relacionados à estética.⁵

Na mesma direção, observamos que são quase inexistentes os trabalhos voltados para *o pensamento filosófico-educacional no Brasil*. A influência do movimento da Escola Nova na conformação do campo filosófico-educacional brasileiro, a importância dos intelectuais ligados a esse movimento, a presença da filosofia neotomista no ensino superior são temáticas a serem investigadas.

⁵ Entrevista realizada via e-mail em 26.07.05.

A pouca expressividade das temáticas envolvendo o pensamento filosófico-educacional no Brasil foi explicada por Antônio J. Severino da seguinte forma:

Trata-se, fundamentalmente, de nossa alienação cultural, uma tendência que eu diria quase que arquetípica, de achar que só podemos pensar a partir de modelos metropolitanos... Nossa cabeça continua ainda muito colonizada... Daí a desvalorização de nossa produção autóctone que se insere num círculo vicioso, na medida mesmo em que tendemos a reproduzir o pensamento europeu e, mais recentemente, o norte-americano.⁶

Quanto aos campos de silêncio, isto é, os temas sobre os quais o GT Filosofia da Educação não tem investido, registramos a ausência de trabalhos relacionados à *Filosofia Analítica* e, mais especificamente, sobre a *Lógica*. Uma hipótese é que estes, também, não sejam temas presentes nos programas de Filosofia da Educação dos cursos de graduação em Pedagogia. Pode ser essa uma das causas prováveis do desinteresse ou do desconhecimento em relação a esse tipo de estudo.

Sílvio Gallo, ao ser entrevistado acerca da falta de expressividade da Filosofia Analítica nas produções do GT, afirmou que isto se deve à

pouca tradição desta linha de pensamento no Brasil. Se tivemos por aqui uma forte influência da filosofia católica e da fenomenologia (a partir dos anos 70) e depois do marxismo (a partir dos anos 80), por outro lado a filosofia analítica só começou a aportar, timidamente, depois dos anos 90 em alguns poucos – pouquíssimos – departamentos de filosofia. E na Filosofia da Educação, dada a visão crítica de católicos, marxistas e fenomenólogos ao pensamento analítico, parece ter se criado uma espécie de “barreira” para esta perspectiva de pensamento.⁷

No que se refere, especificamente, à *Lógica*, Thomas Sautter (2002, p.413), em artigo publicado sobre o ensino desta disciplina, confirma o seu “declínio” nos próprios cursos de filosofia. Nas palavras do autor:

A lógica chegou a ocupar, no período medieval, um posto privilegiado entre as disciplinas filosóficas. Atualmente, possivelmente por sua associação com a linguagem e as técnicas da matemática, ela se encontra numa situação em que precisa justificar sua inclusão entre as disciplinas filosóficas e, mais

⁶ Entrevista efetuada por e-mail em 26.07.2005.

⁷ Entrevista efetuada por e-mail em 22.07.2005.

ainda, afirmar-se como disciplina filosófica fundamental (SAUTTER, 2002, p.414).

Em seu entendimento, a Lógica, que outrora foi considerada uma disciplina humanística básica, é “atualmente vista com reserva, especialmente em nosso país”. (Ibidem, p.413). Para ele, este declínio pode ser explicitado em função da falta de consenso quanto aos conteúdos que devem compor os programas desta disciplina, bem como a falta de habilidade profissional para possibilitar uma formação adequada aos estudantes neste assunto. Desse modo, se dentro do próprio campo filosófico a lógica é vista com reservas, no campo filosófico-educacional ela é praticamente inexistente, não sofrendo nenhum reflexo na formação dos estudantes.

Outro tema silenciado refere-se às *formas de se fazer/pensar a filosofia e a filosofia da educação em outros países*. Assim, não há menção a trabalhos de autores ligados à *filosofia latino-americana*, como é o caso, para citar um exemplo, do filósofo Enrique Dussel.

2.4 - As temáticas emergentes no GT

Do ponto de vista das temáticas emergentes, duas foram identificadas: a questão da formação filosófica, e, mais especificamente, o *ensino da filosofia*, bem como a questão das relações entre *filosofia, infância e educação*.

Em relação à questão do ensino da filosofia, podemos articular o aparecimento dessa discussão em função da própria movimentação que a questão do ensino de filosofia tem gerado na sociedade, sobretudo a partir do artigo 36 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), que conforme resume Fávero et al (2004), avança em relação à Lei 5.692/71, (que contribuiu para o desaparecimento da filosofia dos currículos escolares), ao determinar o domínio de conhecimentos filosóficos e sociológicos a todo estudante do ensino médio, como condição ao exercício da cidadania.

A emergência dessa preocupação com o ensino de filosofia no ensino médio tem possibilitado a realização de uma série de eventos e de publicações, que vem ocorrendo no Brasil desde o início dos anos 2000, impulsionados pela própria realidade histórica do país, no que tange à luta por um espaço para a filosofia no ensino médio. Já existem também no país, em diversas universidades, segundo informa Fávero et al (2004, p. 268), programas de especialização voltados especificamente para o ensino de filosofia.

Entretanto, se a questão do ensino de filosofia tem se constituído como uma área de pesquisa “fecunda e frutífera para os filósofos que se dedicam ao tema” (DANELON, 2004, p. 347), e que se traduz por meio de inúmeros eventos, publicação de livros e até mesmo na criação de linhas de pesquisas em Programas de Pós-Graduação, pouca atenção tem sido dispensada à situação do *ensino de Filosofia da Educação*.

Outra temática emergente registrada refere-se aos trabalhos acerca das relações entre *filosofia, infância e educação*. A partir de 1999, essa discussão vem se destacando no GT, por meio do próprio trabalho encomendado daquele ano, intitulado: *Programa de Filosofia para Crianças*, de Walter Kohan. Desde então, nos anos 2000, 2001 e 2004 essa temática tem estado presente.

A edição brasileira do livro *A filosofia vai à escola*, do educador norte americano Matthew Lipman, apresenta, pela primeira vez para o leitor brasileiro, a proposta educacional Filosofia para Crianças, cujo objetivo, em termos básicos, é, segundo Silva (1990, p.9), o de “desenvolver o pensamento e o raciocínio de alunos de primeiro e segundo graus através de discussões filosóficas nas salas de aula”.

Surgida nos Estados Unidos, em 1970, essa proposta vem crescendo cada vez mais, sendo atualmente aplicada em mais de 30 países do mundo. No Brasil, a proposta de Lipman começou a ser divulgada por volta de 1985 coincidindo com o movimento de redemocratização do ensino brasileiro. Acrescente-se a isso o fato de que os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, publicados em 1998, estabelecem a adoção de temas transversais nesse âmbito do ensino, sobretudo nas áreas de ética e cidadania.

Considerações Finais

Ao voltarmos o olhar para a história do GT Filosofia da Educação da ANPEd, vemos que sua existência deveu-se, fundamentalmente, ao elevado número de trabalhos destinados a essa instituição, identificados, aparentemente, com a perspectiva filosófico-educacional. Todavia, se em 1994 foi evidente o número de trabalhos enviados ao GT, onze anos depois foi notória a redução desse número.

No período investigado, foram apresentados no GT 155 trabalhos, provenientes, na sua grande maioria, de instituições localizadas nas Regiões Sudeste e Sul do Brasil, configurando uma gritante desigualdade regional. É importante que se leve, também, em consideração o reduzido número de trabalhos enviados por autores/as das regiões norte, nordeste e centro-oeste, em relação às regiões sudeste e sul, fato que se explica, provavelmente, em função dos cursos de pós-graduação em educação nessas regiões, que tendem a ser, também, em menor número.

Do ponto de vista do gênero, predomina, nessa produção, a participação masculina, a despeito da significativa presença feminina. Também a Coordenação do GT esteve nesses 11 anos, sobretudo, sob a responsabilidade de pessoas do sexo masculino, vinculadas, na sua maioria, a instituições do sudeste do país. Do mesmo modo, a maioria significativa dos filósofos estudados é de origem européia e do sexo masculino. Poucos estudos sobre filósofas e educadoras foram registrados.

Quanto às temáticas mais enfatizadas destacamos, primeiramente, aquelas que procuram fazer uma articulação entre os campos da filosofia e da educação, sobretudo, a partir da ótica de um pensador ou filósofo. Dentre os mais estudados, destacaram-se os filósofos vinculados à Escola da Frankfurt, na Alemanha. Desse modo, a filosofia é menos entendida como forma de abordagem ou modo específico de pensar, do que como a explanação das idéias de um determinado pensador. Esse fato corrobora as pesquisas existentes sobre o ensino dessa disciplina, que têm registrado a presença dessa prática desde sua conformação no ensino superior brasileiro, na década de 40 do século XX, bem como os constantes artigos que têm denunciado essa problemática.

Em segundo lugar, destacamos as temáticas ligadas à dimensão epistemológica da educação, evidenciando uma preocupação com a produção do conhecimento, sobretudo no debate do pensamento científico moderno e pós-moderno, seguidas das temáticas ético-antropológica e político-social, que tratam de questões relativas ao indivíduo e à sociedade.

De todas as temáticas apresentadas no GT, a que menos compareceu foi a estética e a educação. Os campos de silêncio ficaram por conta dos trabalhos relativos à filosofia analítica e à lógica. Observamos, também, que são em número limitado os trabalhos que se preocupam com o pensamento educacional brasileiro e latino-americano.

No que tange às temáticas emergentes, ressaltamos a preocupação com a questão do ensino de filosofia no ensino médio, bem como com o ensino de filosofia para crianças, um indício de vitalidade do GT e de sua capacidade de acolher temas emergentes na própria sociedade.

Em face dessas considerações, acreditamos que o GT Filosofia da Educação coloca para seus participantes inúmeros *desafios*. Entre eles, destacamos a necessidade de romper o círculo fechado em que se encontra em termos regionais, ampliando o diálogo com pesquisadores de outras localidades do Brasil, superando, assim, o fenômeno da endogenia, acusado pelo próprio Comitê Científico da ANPEd. Da mesma forma, o diálogo com instituições filosóficas brasileiras, como a ANPOF, com o GT 17 do EPENN e outros GTs regionais, bem como com a comunidade filosófico-educacional em âmbito internacional, parece essencial para o próprio fortalecimento da área.

Fundamentalmente, colocamos como imperativa a necessidade de ampliar o diálogo interno entre os próprios membros do GT, visto que tem se limitado, exclusivamente, às próprias reuniões anuais da ANPEd. A lista de discussão na Internet, que poderia potencializar esse diálogo, tem se configurado como um espaço burocrático de mera circulação de informações sobre eventos, teses defendidas ou livros publicados. Nesse sentido, novas estratégias de intercâmbio entre os participantes do GT, para além da reunião anual, são fundamentais para o fortalecimento do grupo, promovendo informação permanente acerca das diferentes frentes de estudo e dos debates filosóficos e educacionais existentes no país.

Do ponto de vista de algumas estratégias teóricas, parece importante a incorporação, no GT, de temáticas que se encontram praticamente ausentes, como é o caso da dimensão estética da educação, do pensamento educacional brasileiro e latino-americano, entre outras. O que tem sido feito nesta disciplina em outros países da América e da Europa? O que podemos aprender com essas experiências? Ademais, ressaltamos a necessidade de se rever a forma de articulação corrente entre a filosofia e a educação, para além da simples reflexão teórica com base no categorial filosófico, tal como se fez evidente ao longo dos anos investigados.

Reafirmamos, também, a necessidade urgente do GT retomar as discussões acerca do ensino de Filosofia da Educação, com vistas à elucidação de sua própria *identidade*, para além

de qualquer visão reducionista e preconceituosa que, em geral, tem havido nessa área, quando se trata dessa palavra e desse debate.

Finalmente, consideramos extremamente oportuno que o GT retome a pergunta enunciada por Lílian do Valle (1999, p.2), qual seja, se “deveríamos renunciar,[...] à exigência de pensar o que a prática do ensino da filosofia da educação tem de próprio” ou: “Do que, afinal, tratamos, ao falar em filosofia da educação?” (Ibidem, p. 2). A renúncia a estas perguntas sinaliza, em nosso entendimento, a renúncia à própria filosofia, em sua vocação essencial de pensar sobre si mesma, a fim de compreender e explicitar o sentido e valor de sua tarefa nestes tempos tão carentes de reflexão filosófica.

Referências

ALBUQUERQUE, Maria Betânia B. *Filosofia da educação: uma disciplina entre a dispersão de conteúdos e busca de uma identidade*. 170 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte- MG, 1996.

Reunião Anual da ANPEd, 27, 2004, Caxambu. Sociedade, Democracia e Educação: qual universidade? *Anais...* Belo Horizonte: ANPEd, 2004.

_____, 26, 2003, Poços de Caldas. Novo Governo. Novas Políticas? O papel histórico da ANPEd na produção de políticas educacionais. *Anais...* Belo Horizonte: ANPEd, 2003. 1 CD-ROM.

_____, 25, 2002, Caxambu. Educação: Manifestos, Lutas e Utopias. *Anais...* Belo Horizonte: ANPEd, 2002.

_____, 24, 2001, Caxambu. Intelectuais, Conhecimento e Espaço Público. *Anais...* Belo Horizonte: ANPEd, 2001.

_____, 23, 2000, Caxambu. Educação não é privilégio. *Anais...* Belo Horizonte: ANPEd, 2000. 1 CD-ROM.

_____, 22, 1999, Caxambu. Diversidade e Igualdade: desafios para a educação na fronteira do século. *Anais...* Belo Horizonte: ANPEd, 1999.

_____, 21, 1998, Caxambu. Conhecimento e Poder: em defesa da universidade pública. *Anais...* Belo Horizonte: ANPEd, 1998.

_____, 19, 1996, Caxambu. A Política de Educação no Brasil: globalização e exclusão Social. *Anais...* Belo Horizonte: ANPED, 1996.

_____, 18, 1995, Caxambu. Poder, Política e Educação. *Boletim...* Belo Horizonte: Editora Santa Edwiges, 1995.

_____, 18, 1995, Caxambu. *Relatório...* (mimeo).

_____, 17, 1994, Caxambu. Ética, Ciência e Educação. *Boletim...* Belo Horizonte: ANPED, 1994.

DANELON, M. Para um ensino de filosofia do caos e da força: uma leitura à luz da filosofia nietzschiana. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 24, n 64, p. 345-358, set./dez. 2004.

FÁVERO et al. O ensino da filosofia no Brasil: um mapa das condições atuais. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 24, n 64, p. 257-284, set./dez. 2004

FEITOSA, C. O ensino de filosofia como uma estratégia contra a tarefa da interdisciplinaridade. In. KOHAN, W. *Filosofia: caminhos para seu ensino*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 87-99.

HERMANN, N. Nietzsche: Uma provocação para a Filosofia da Educação. In: GHIRALDELLI JÚNIOR, P. (Org.) *O que é Filosofia da Educação?* Rio de Janeiro: DP&A, 1999. p. 141-158.

SAUTTER, Frank T. Sobre o ensino de lógica. In. PIOVESAN, Américo (Org) et al. *Filosofia e ensino em debate*. Ijuí: Unijuí, 2002. p. 413-424.

SEVERINO, Antônio J. Relatório de participação na 19^a Reunião Anual da ANPED. São Paulo, 1996. Mimeo.

_____. Proposta de um universo temático para a investigação em filosofia da educação: as implicações da historicidade. *Perspectiva*, Florianópolis, n 19, p. 11-27. 1993.

SEVERINO, Antônio J. e ROHR, Ferdinand. *Proposta de programação temática para as reuniões do GT –Filosofia da educação*. São Paulo/Recife, 1997. Mimeo.

SILVA, Catherine Y. Introdução à edição brasileira. In. LIPMAN, M. *A filosofia vai à escola*. Trad. Maria Alice de Brzezinski Preste e Lucia Maria Silva Kremer. São Paulo: Summus editorial, 1990. p. 9-11. (Novas buscas em educação, vol. 39).

TOMAZETTI, Elisete. *Filosofia da educação: uma contribuição à compreensão do seu percurso no campo educacional*. 246 p. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-

graduação em Educação. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

VALLE, Lílian do. A educação como enigma e como atividade prático-poética: implicações para o ensino da filosofia da educação. In: Reunião Anual da ANPEd, 22, 1999, Caxambu. Mimeo.

WUENSCH, Ana M e BORDIGNON, C. As mulheres no ensino da filosofia. In. Fórum do Centro-Oeste sobre Ensino de Filosofia, III, 2003, Brasília. *Anais...* Brasília: UNB, 2003.

www.anped.org.br.